

A POESIA ERÓTICA NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Maria do Socorro Pinheiro (FECLI/UECE)

RESUMO

Este trabalho tem como proposta estudar a poesia de temática erótica como instrumento de formação na experiência leitora do indivíduo, pelo viés da literatura de autoria feminina. A poesia é um gênero literário que alia as subjetividades e o mundo em vários planos, a partir de enfrentamentos, confrontos e apelos advindos do próprio interior. O eu poético entra em sintonia com a realidade, desenvolvendo uma interação entre o leitor e o texto. Assim sendo, pretendemos analisar a poesia erótica como um campo de conhecimento que abre espaço para algumas discussões sobre erotismo, corpo, desejo feminino, promovendo novas perspectivas na formação e na transformação do leitor literário. Tal poesia tem sido motivo de estudos, em diálogo com outras áreas do saber (mitologia, antropologia, psicanálise, filosofia), e também motivado uma inter-relação entre professores e alunos. Utilizaremos a poesia como meio de formação literária, buscando a reconfiguração dos sentidos pelo prazer que o texto literário propõe, visando, sobretudo sua linguagem eivada de significados. Para tanto, utilizaremos os estudos de Barthes (2004), Joachim (2012) e Kefalás (2012), que imprimem na literatura a marca representativa que integra todos os tipos de discursos e que se tornou um espaço interdisciplinar de conhecimento para todas as formações e áreas.

Palavras-chave: Poesia Erótica, Leitor, Formação Literária.

ABSTRACT

This article aims to study the erotic poetry as a training tool in the reading experience of the individual, based on the perspective of female literature authors. Poetry is a literary genre that associates the subjectivities and the world at various levels, from confrontations, conflicts and appeals arising from within itself. The poetic self comes in tune with reality, developing an interaction between the reader and the text. Therefore, we intend to analyze the erotic poetry as a field of knowledge that makes room for some discussion about eroticism, body, female desire, promoting new perspectives in the formation and transformation of the literary reader. Such poetry has been the subject of studies, in dialogue with other fields of knowledge (mythology, anthropology, psychoanalysis, philosophy), and also motivated an interrelationship between teachers and students. We use poetry as means of literary education, seeking the reconfiguration of the meanings through the pleasure that the literary text proposes, aimed mainly in its language fraught with meanings. Therefore, we will use Barthes (2004), Joachim (2012) and Kefalas (2012) studies, which are relevant representatives in the literature that integrate all kinds of discourses and became an interdisciplinary area of knowledge for all training and areas.

Keywords: Erotic poetry, Reader, Literary education.

1 INTRODUÇÃO

Crava em meu corpo essa espada crua
Quero o ardor e o êxtase da luta
em que me rendo voluntária e nua.
Meu temor é a paz pós-união:
desenlace derrota solidão.

(ASTRID CABRAL, 1984, p. 90)

Este artigo propõe o estudo da poesia erótica como um componente importante na formação do leitor literário. A temática erótica tem suscitado questionamentos em torno da vida humana na relação que se estabelece entre o eu e o outro, envolvendo a busca pela totalidade do ser. Nesse sentido, acreditamos que a inserção da temática erótica na formação do leitor promova abertura no pensamento, uma vez que o leitor diante do texto, não estará apenas diversificando suas leituras, mas elevando sua experiência leitora para um campo interpretativo que evidencia a atuação de Eros, em vários contextos.

Percebemos lacunas na formação do leitor literário. Lacunas veiculadas a escolhas que não contemplam determinadas temáticas. Não é proposta deste trabalho investigar os fatores que implicam nas escolhas do sujeito leitor. Na verdade, propomos a leitura de poemas eróticos de autoria feminina, que possam dinamizar a consciência literária do leitor, por tratar de questões que estão essencialmente ligadas à natureza da mulher. A produção de autoria feminina vem se ampliando a cada dia, diversificando suas temáticas e colocando em evidência, com inventividade e sensibilidade poética, assuntos complexos, tratados desde a mais remota época, com certa reserva, porque falavam de desejo, prazer, sexo. A temática erótica a partir da ótica feminina ganha nova tonalidade, surpreendendo-nos pelos detalhes enfocados, pelas sutilezas e pelo emprego dos recursos estilísticos e simbólicos.

Para desenvolver nossa reflexão na perspectiva de introduzir ao manancial do leitor literário a temática erótica, adotamos os estudos de Barthes (2004), no tratamento que ele dá ao texto literário como lugar de fruição; buscamos as discussões mantidas por Joachim (2012), na questão de estabelecer o diálogo entre a literatura e outras ciências; e ainda encontramos em Kefalás (2012) reflexões importantes sobre a formação do leitor literário. Esperamos que nosso estudo estimule os leitores a ler poesia erótica e, sobretudo, encontrar nela um tipo de conhecimento que se constitui como experiência interior de toda pessoa.

2 O LEITOR E A POESIA ERÓTICA

O leitor ao longo do tempo constrói, pouco a pouco, um grande mosaico textual. Cada peça acrescida produz formas e sentidos diferentes. A leitura é um instrumento de acesso ao mosaico. Por meio da leitura, podemos adentrar em mundos diferentes, ter experiências extraordinárias, conhecer pessoas, lugares, objetos e, acima de tudo, elevar nossa capacidade de reflexão. O texto literário

desperta as mais variadas sensações e atíça a imaginação, provocando em nós leitores o interesse em descobrir muito mais sobre o homem e a natureza. Dentre os gêneros literários existentes está a poesia que lida diretamente com o simbólico, com a imaginação, criando mundos por meio de uma linguagem feita com palavras do cotidiano, que depois de buriladas (árdua atividade de trabalho e de inspiração), ganham novas significações. A linguagem da poesia é a linguagem por excelência da arte, tecida ricamente, ornada com palavras, símbolos, imagens, ritmos, sons. Afirmar Barthes (2004, p. 47) “eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz”.

Diante do vazio do mundo, da correria desenfreada pelos bens de consumo, de ideologias massacrantes e de uma realidade social desumana, a poesia se instala como um mecanismo de força e de salvação para a humanidade. O poeta Mário Quintana diz que a poesia abre janelas, salva um afogado. A poesia se coloca a serviço do eu, num processo de desenvolvimento da subjetividade tanto do autor quanto do leitor. É a voz da alma que chega profundamente ao nosso ser. Infinitudes e possibilidades estão conectadas na poesia, pois é palavra articulada, eficaz, produtiva, portadora de variados significados. Estamos num campo de reflexão, em que a mente trabalha para processar ideias, construir sentidos, ampliar e diversificar suas leituras.

A poesia erótica traz em torno de si significados de desejo, de sedução, de prazer, de realização amorosa, de busca, de encontro, de complemento, pois é nisso tudo que Eros habita. O leitor acrescentará ao seu mosaico mais duas peças para confecção de seu desenho: a poesia e o erotismo - dois acontecimentos que se conjugam para inventar novas realidades, sentidas na sua relação de criatividade e movimento que ambas engendram. Lembramo-nos de Octavio Paz (1994) ao tratar o erotismo como “uma poética corporal” e a poesia como “uma erótica verbal”. Qual seria a fronteira entre poesia e erotismo? Ambos caminham pela linha da sedução, expressando-se numa linguagem verbal e corporal, que se mesclam, que traduzem sentimentos de natureza humana. Ao viver a experiência da leitura de poemas eróticos, o leitor entra num terreno surpreendente, isso se deve ao mistério que envolve Eros. Sua natureza suscita enigmas, linguagem, representação. De acordo com Filoteo Faros (1998, p. 38), “o Eros não é algo que experimentamos exclusivamente diante de uma pessoa: é, ao contrário, uma atitude perante a vida”.

A poesia de autoria feminina abre espaço para falar sobre assunto de foro íntimo, do desejo feminino, do que seu corpo sente, do que na verdade lhe satisfaz. Sua natureza libidinosa, seus coleios de serpente, sua impetuosa ousadia lembram as figuras míticas de Eva e Lilith às quais estão, primitivamente, relacionadas à sagacidade e astúcia da mulher. O desejo feminino representa verdadeiramente a forma de a mulher estar no mundo e dizer sobre a satisfação do seu desejo. Vejamos os versos de Gilka Machado (1991, p. 230):

Minha volúpia, vejo-a torça, no ar,
quando teu corpo lânguido, indolente,
sensibiliza a quietação do ambiente,
ora a crescer, ora a minguar
numa flexuosidade de serpente
a se enroscar
e a se desenroscar.

O corpo em volúpia, sob o comando de Eros, o deus grego do amor, vive intensamente suas pulsões, sem mais segredos e nem vergonha. Uma volúpia que se contorce diante das sensações, que enrosca e se desenrosca tal qual uma serpente, simbolizando a engenhosidade e sedução da natureza feminina. O corpo ganha movimento, “sensibiliza a quietação do ambiente”, para viver profundamente as expressões múltiplas e variadas de Eros na realização e no prolongamento do desejo.

A mulher ao longo de sua trajetória sempre procurou liberar suas sensações e desejos. Na maioria das vezes suas tentativas foram frustrantes, restava-lhe o enclausuramento do lar e um senhor para lhe dominar. Sem face, sem voz, sem corpo, o que lhe restava fazer? Ser apenas objeto de cama e mesa, vivenciando uma prática de canibalismo amoroso. Acontecimentos históricos, reformas sociais e a consciência de algumas mulheres transformaram pouco a pouco essa imagem e com isso reformaram significativamente e heroicamente o comportamento de serviçal impregnado na alma da mulher. Passaram a ser donas de seu próprio corpo e sujeito desejante, usando a voz, a escrita, o corpo, para expressar seus ímpetos mais secretos e suas sensações de prazer “crava em meu corpo essa espada crua / quero o ardor e o êxtase da luta / em que me rendo voluntária e nua”, assim dia a poeta.

A poesia erótica revela uma fonte de conhecimento de si, do outro e do mundo, numa atitude relacional, de solidariedade e crescimento mútuo. É um facho de luz que acompanha a existência humana, pois constitui uma parte de nós mesmos. O erotismo é uma energia que se propaga por todo nosso ser, impulsionando os sentidos e sendo força de atração a tudo que nos rodeia, “tudo que está ligado ao Eros tem a ver com fantasia, criatividade, com irrupção do novo, do surpreendente, do maravilhoso. Eros produz fascinação, atração, feitiço” (FAROS, 1998, p. 108). Essa é a natureza de Eros, presentificada na vida e na morte, como uma experiência interior, conceito adotado por Bataille (1987).

O leitor vive também a força de Eros no corpo e na leitura. Ler é um exercício de nudez, interpretar é despir as palavras de suas significações. Antes mesmo disso, o envolvimento acontece inicialmente com o livro, “o contato com o livro se dá no seu manuseio, no tato, com o sangue pulsando. Há um corpo a corpo com a concretude do objeto e com a materialidade do verbo. Texto e textura” (KEFALÁS, 2012, p. 38). O contato do corpo do texto ao do leitor, em seguida vem a sensação de gozo do texto lido e interpretado, um evento extraordinário de encontro com o sentido. Segundo Barthes (2004, p. 9) “um espaço de fruição fica então criado. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo”. O texto é então esse espaço de fruição, de desfrute, de jogo e sedução. Poesia e erotismo estão entrelaçados, um é a imagem do outro, pois movidos pela imaginação, pela criatividade, por energias que se aliam. Segundo Octávio Paz (1994, p. 12), “a imagem poética é abraço de realidades opostas e a rima é cópula de sons; a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo de operação, já é erotismo”. Podemos ver esse processo de erotização nos versos de Olga Savary (1982, p. 47) ao unir abismos como a vida e a morte:

Deito-me com quem é livre à beira dos abismos
 e estou perto do meu desejo.
 Depois do silêncio úmido dos lugares de pedra,
 dos lugares de água, dos regatos perdidos,
 lá onde morremos de um vago êxtase,
 de um requintada barbárie estávamos morrendo,
 lá onde meus pés estavam na água
 e meu coração sob meus pés,

se seguisses minhas pegadas e ao êxtase me seguisses
 até morrermos, uma tal morte seria digna de ser
 morrida.
 Então morramos dessa breve morte lenta,
 cadenciada, rude, dessa morte lúdica.

É na morte que está a continuidade tão buscada por Eros. A morte nesse poema é o leitmotiv que coloca Eros e Tântatos frente a frente. Vida e morte tecida com o mesmo fio, que levará ao êxtase. A força de Eros se encontra nas experiências de morte, no gozo frenético e louco, pulsante e úmido, que por alguns segundos leva os seres ao paraíso, mas não termina aí. Eros não se satisfaz, prolonga sua relação, transcende o ser, “então morramos dessa breve morte lenta, cadenciada, rude, dessa morte lúdica”. A morte aqui é vida, pois Eros a transforma num componente lúdico, leve e necessário. O elemento água simboliza no poema a fecundação, o líquido mortífero que intensifica o desejo a não ser mais verbalizado, mas não menos vivido “depois do silêncio úmido dos lugares de pedra, dos lugares de água, dos regatos perdidos, lá onde morremos de um vago êxtase”.

Tomando a poesia e o erotismo como realidades que se complementam pela capacidade inventiva da criação poética, a temática que ora se expressa em versos ganha significados que permeiam a vida humana. É labiríntico o percurso que a poesia faz pela alma da mulher, abrindo sonhos, criando um universo de possibilidades e de vivências. A escrita do desejo se enriquece toda vez que se propõe a ser uma escrita da liberdade, da revelação do eu, da valorização da subjetividade. Podemos ver em alguns versos de Gilka Machado uma poesia que toma como base os sentimentos inerentes à alma feminina, “quero me ver no verso, intimamente, / em sensação de gozo ou de pesar, / pois, ocultar aquilo que se sente, / é o próprio sentimento condenar.” (p. 111). Esse canto de liberdade é anunciado, mas não totalmente sem culpa, pois o eu poético ainda permanece subjugado ao pai transcendental.

A leitura de poesia erótica coloca o leitor num plano de abertura, no que consiste ao conhecimento e aprofundamento de comportamentos da natureza feminina. A ênfase dada ao desejo - outrora reprimido - mas agora em destaque, desperta o interesse do leitor, por encontrar nos versos questões íntimas (enfrentamentos, angústias, silenciamentos) evidenciando uma relação de proximidade com o texto. Lembra Kefalás (2012, p. 99) que “a relação entre leitor e obra não é puramente informativa, mas formadora, faz da leitura cartase. O leitor sofre uma transformação. Nessa perspectiva, na recepção o leitor é convocado a uma mudança. A leitura é um processo que abala, que põe o sujeito em movimento”. É esse processo de abalo e de movimento que a poesia erótica suscita nos seus versos, como se fossem uma espécie de facho de luz, iluminando a imaginação e a vida.

A invisibilidade em que vivia a mulher ganhou forma por meio de uma escrita que libera seus desafogos, uma forma de dizer - estou aqui, “quanto mais escrava mais escrevo para libertar essa mulher da vida que me habita” (MEDEIROS, p. 2010). A escrita libera seus outros eus, assim ela vive na “ânsia de azul”, no desejo de se encontrar, de está frente a frente com sua imagem: santa/pecadora. Trazer à tona questões vinculadas à sexualidade feminina é inserir numa ordem discursiva o espaço onde o desejo se instala e como se elabora, “sexualidade é uma linguagem. Linguagem diferente, quase sem palavras, mas que se reveste de uma capacidade de entendimento desconhecida de outras linguagens” (MOSER, 2001, p. 119) No processo de elaboração do discurso está a escritura, que se envolve de aparatos, já que é sedução, como propõe Barthes (2004, p. 11) “o texto que o senhor escreve tem de me dar prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das funções da linguagem, seu kama-sutra (desta ciência, só há um tratado: a própria escritura)”.

Na poesia erótica, o desejo determina as ações do sujeito desejante que vive em sintonia com as pulsões do seu corpo. É o momento do encontro, um corpo que se abre para outro corpo, “depois que um corpo/ comporta/ outro corpo/ nenhum coração/ suporta/ o pouco” (RUIZ, 1984, p. 20). O eu poético não se contenta com o pouco, já experimentou o corpo do outro e nessa circunstância o amor não se sente saciado. Cresce o desejo e aumenta a necessidade de se viver mais vezes tal experiência, um corpo que comporta outro corpo, pois o erotismo é movido pela imaginação, “é invenção, variação incessante”, como diz Octávio Paz (1994, p.16). O corpo é esse espaço de ação e reação, de sensibilidade, de carícias, de encontro. Segundo Elódia Xavier (2007, p. 157), “um corpo que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações, a vivência de uma experiência erótica”. O ato erótico é sempre renovado, transfigurado, porque é uma manifestação da vida, uma experiência interior.

Lembramos aqui dos versos da poeta Diva Cunha (1996, p. 25), ao expressar a natureza insaciável de Eros, “procuro no teu corpo/ não o que me falta/ mas me ultrapasse / asa que me enlace/ no exato circulo/ do voo/ viagem sem fim/ de ti para mim”. São versos que remontam ao Eros primeiro, o que busca a complementaridade do ser. É uma realidade profunda, que exige sensibilidade, o que procura no corpo do outro não é o sexo, mas uma energia erótica capaz de ultrapassar, de ir além do corpo, pois é força movente. Procurar Eros é fazer uma viagem sem fim, sair de si e ir para o outro, encontrar a outra parte. Há outros versos de Diva Cunha que expressam a insaciabilidade do desejo feminino.

Em casa sozinha
para matar meu desejo
leio poesias
não beijo
Me masturbo
e me contorço
leio poesias
não ouço
a voz
onda da pele clara
que aflora

sobre meus ossos
 Em casa
 entre coqueiros e arcos
 ouço o desejo e passo
 pelo fim do meu desejo
 portas adentro atravesso
 prendo sonhos entre paredes
 minhas mãos prendem nos versos
 os meus desejos inda verdes.

O eu poético do sujeito desejan­te lê poesias, para matar seu desejo, como se com elas estivesse fazendo amor. Mas está sozinha, em casa, sem beijos e ouve somente a voz do desejo, que a persegue, então, se contorce, se masturba. O sujeito poético vive numa atmosfera erótica, que se manifesta na escrita e na leitura, o que Barthes (2004) chama de texto de prazer. Vemos uma realização plena do si mesmo, “portas adentro atravesso/ prendo sonhos entre paredes/ minhas mãos prendem nos versos/ os meus desejos inda verdes”. O desejo circula no espaço da interioridade, da reflexividade do eu.

Também encontramos em Gilka Machado (1991, p. 287) a presença de um erotismo pujante, em que o desejo se instala como motivo principal. Vejamos esse soneto:

Embora de teus lábios afastada
 (Que importa ? - Tua boca está vazia ...)
 Beijo esses beijos com que fui beijada,
 Beijo teus beijos, numa nova orgia.

Inda conservo a carne deliciada
 Pela tua carícia que mordia,
 Que me enflorava a pele, pois, em cada
 Beijo dos teus uma saudade abria.

Teus beijos absorvi-os, esgotei-os :
 Guardo-os nas mãos, nos lábios e nos seios,
 Numa volúpia imorredoura e louca.

Em teus momentos de lubricidade,
 Beijarás outros lábios, com saudade
 Dos beijos que roubei de tua boca.

Gilka Machado revela um eu tomado de desejo, que se conserva na memória do tato, na carne deliciada em todos os momentos de entrega e arrebatamento. A experiência do beijo é o condutor das lembranças, das cenas de amor, das carícias tórridas, que mesmo estando delas afastada, revivi “os momentos de lubricidade”, de encontro e de saudade da “volúpia imorredoura e louca”. É a voluptuosidade que se mantém acesa, que inaugura novas orgias, alimentando a todo instante

sensações de prazer, pois estão todas elas guardadas nas mãos, nos lábios e nos seios. O momento é para revelação do Eros, de sua beleza e espiritualidade. Entendemos o erotismo como impulso da vida, busca de integração e continuidade do ser, “do erotismo é possível dizer que ele é aprovação da vida até na morte” (BATAILLE, 1987, p. 11).

São acontecimentos que marcam o corpo, a alma e a mente. O desejo está em toda parte, ligando os seres e levando-os a vivências de encontro. Eros busca a unidade, a realização, a complementação que está no outro. O beijo une as lembranças, provoca saudades, traduz os afetos, “beijarás outros lábios, com saudade, / dos beijos que eu roubei de tua boca”. Um momento de intenso prazer renasce não apenas em forma de lembranças, mas com possibilidades de outras traduções. A sensação despertada motiva a vontade para realidades que surgem nos âmbitos da vida.

A poesia erótica reúne em torno de si, um material vasto e profundo de que se constitui a vida humana. Ao anunciar um discurso que tem como ponto de partida o erotismo, a literatura se coloca dentro de um campo vasto e faz conexão com outros saberes (outras ciências), diversificando a formação dos leitores, colocando-os numa rede pluridisciplinar. Sébastien Joachim (2012, p. 12) chama atenção para a função materna da literatura “uma função de anfitriã que acolhe com a mesma frente serena em sua ampla mansão o discurso multifacetado da Ciência”. As fronteiras entre literatura e ciência tendem a ficar cada vez mais estreitas, tendo em vista a vocação para o humano, que cada uma delas engendra. Esse é um sinal de que a mentalidade vem sendo transformada diante dos grandes eventos científicos, como profere Joachim (2012) em seus estudos.

Voltando mais uma vez para os textos poéticos, Adélia Prado (1986, p. 27) tece uma poesia que aponta para um erotismo unido aos elementos da natureza.

O Amor no Éter

Há dentro de mim uma paisagem
entre meio-dia e duas horas da tarde.
Aves pernaltas, os bicos
mergulhados na água,
entram e não neste lugar de memória,
uma lagoa rasa com caniço na margem.
Habito nele, quando os desejos do corpo,
a metafísica, exclamam:
como és bonito!
Quero escavar-te até encontrar
onde segregas tanto sentimento.
Pensas em mim, teu meio-riso secreto
atravessa mar e montanha,
me sobressalta em arrepios,
o amor sobre o natural.
O corpo é leve como a alma,
os minerais voam como borboletas.
Tudo deste lugar
entre meio-dia e duas horas da tarde.

Adélia Prado conduz o eu poético para a natureza, lugar perfeito para a realização dos desejos. O desejo feminino se torna evidente e potencializa as ações de um eu que manifesta o seu interior como cenário paisagístico tal qual a natureza, “há dentro de mim uma paisagem entre meio-dia e duas horas da tarde”. É um cenário de amor que abre suas cortinas, para vivenciar o encontro, o entrelaçamento do corpo e da alma. Percebemos a unidade especificamente desse instante, num horário de repouso “entre meio-dia e duas horas da tarde”, permite que um habite o outro, a minha morada está no outro, “habito nele”. Há algo de sagrado nesse ato de amar e tem o tempo das infinitudes, porque se faz mistério, “quero escavar-te até encontrar onde segregas tanto sentimento”. Esse “escavar-te até encontrar” move a força de Eros, a procura pelo sentido, pelo complemento, pelo sentimento que energiza o amor sobre o natural, que nos faz ir ao título do poema, “O amor no éter”, significando um amor elevado, sublime, voante como borboletas.

Percebemos a liberação do desejo feminino, “me sobressaltas em arrepios”, evidenciando a existência do gozo, colocando em ação um sujeito que sente e que quer deixar visivelmente expressa as marcas desse desejo num corpo que se contorce de delírios, de arrepios, de ânsias, “expressar-me, dizer dos meus instintos, / sejam eles, embora, maus ou bons” (MACHADO, 1991, p. 111). É a voz feminina que anuncia suas intempestivas loucuras de amor, o repouso que deseja encontrar no seio do outro e poder viver na “companhia do macho que escolhi” (PRADO, 1987, p. 55)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura abriga um vasto campo de conhecimento interdisciplinar. É uma rede ativa de conexão com outras ciências, dando ao leitor formas de interagir com o mundo. Diante das possíveis formas de elaborar essa relação com o mundo e com o outro, a poesia se credencia como gênero que alia diferentes discursos, por meio de uma linguagem sedutora, leve, poética. A poesia erótica abraça os aspectos da vida humana, numa atitude de busca, de procura pela realização do ser. É nesse plano que o erotismo se instala, como uma energia capaz de levar a pessoa a buscar a plenitude, a integração, a totalidade.

Vimos por meio de alguns poemas com que profundidade Eros mergulha no ser, arrastando-o para frente e movendo-o em várias direções. Eros é o desejo com seu poder de completude, com seu arrebatamento em excesso. Vontade de estar ao lado do outro, dele receber carícias e poder se deliciar pelo contato do toque, pela sensação de gozo. A poesia erótica é importantel na formação do leitor, por manifestar segredos, por expressar os ímpetos e por ser força de atração, impulsionando as pessoas para a descoberta. Ela trata de acontecimentos da nossa própria condição humana, nos colocando diante do fundamento da vida, porque é criação, é experiência transformadora. A natureza dessa poesia está na transformação da nossa psique, na capacidade de dinamizar nossas atitudes, fortalecendo as relações e promovendo a união, a integração, a constante busca.

Na escrita do desejo acontece o impulso, a entrega ao prazer, vivenciado em diferentes ambitos, tanto no texto e como no corpo. Viver sob os domínios de Eros multifacetado é poder está simultaneamente na vida e na morte, na luz e na escuridão, no prazer e na dor. Sua natureza paradoxal aliada a da mulher se reveste de mistério, de procura, de continuidade, pois o desejo erótico é impulso para a vida. A poesia erótica alimenta a imaginação e leva o leitor para um palco cujas cenas manifestam a profundidade dos sentimentos humanos e sua capacidade de transcendência.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L & PM, 1987.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção primeiros passos).

_____. **Eros travestido**: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

CUNHA, Diva. **Coração de lata**. Natal: Amarela, 1996.

FAROS, Filoteo. **A natureza de Eros**. São Paulo: Paulus, 1998.

JOACHIM, Sébastien. **Novos aspectos da leitura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

KEFALÁS, Eliana. **Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção formação de professores).

Literatura e formação de leitores / Hélder Pinheiro, Jaquelânia Aristides Pereira, Maria Valdênia da Silva e Miguel Leocádio Araújo Neto (Orgs.). Campina Grande: Bagagem, 2008.

MACHADO, Gilka. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial: FUNARJ, 1991.

MEDEIROS, Martha. **Poesia reunida**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MOSER, Antonio. **O enigma da esfinge**: a sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAZ, Octávio. **A dupla chama**: amor e erotismo. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

RUIZ, Alice. **Pelos pelos**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SAVARY, Olga. **Carne viva**; primeira antologia brasileira de poemas eróticos. Rio de Janeiro: Anima, 1984.

_____. **Magma**. São Paulo: Massao Ohno – Roswitha Kempf, 1982.

SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória**: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.